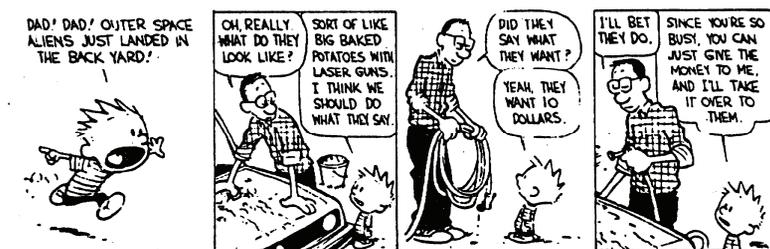


QUANDO VALE O NÃO DITO PELO DITO

FABIANA S.C. VICTOR
PAULA M. SENATORE

Todos sabemos que a prova de língua estrangeira do Vestibular Unicamp é uma prova em que não é avaliado um conhecimento gramatical específico ou a produção em outra língua, mas a capacidade de **leitura**. Ao privilegiar a leitura, não se está unicamente em um universo que engloba apenas o domínio da língua; assim, o que passa a ser indicativo da proficiência em língua estrangeira é a relação estabelecida entre texto e leitor na qual a linguagem do texto fornece informações e possibilidades que permitirão ao candidato a formulação de uma leitura. Além dessas informações que o próprio texto proporciona, entram nessa relação de estabelecimento de sentidos o conhecimento, a experiência, a história de vida e de leitura de cada candidato.¹

Ao abrir o seu caderno de questões de língua inglesa do Vestibular Unicamp 94, o candidato deparou-se com uma convidativa tirinha, tão convidativa que esta questão não apresentou respostas em branco;



A questão 17, que incidia sobre essa tirinha, pedia que o candidato respondesse a seguinte pergunta: “Qual a maneira utilizada por Calvin para conseguir dez dólares de seu pai? Explícite-a.”

O caminho para a resposta inicia-se, óbvio dos óbvios, na própria pergunta, que fornece algumas informações: o leitor já sabe em claro português que Calvin utilizou-se de algum “dispositivo” para conseguir uma determinada quantia de seu pai. É atrás do tipo de recurso utilizado por Calvin que o candidato deveria retornar ao texto a fim de

¹ Ver: Bastos, L.K.X. et alii. **Vestibular Inglês/Francês**, São Paulo: Globo, 1993.

buscar elementos com os quais pudesse estabelecer uma relação de sentido suficiente para responder à pergunta.

No caso, esse texto é uma **tirinha**, ou seja, um tipo de manifestação verbal-visual cuja natureza humorística indica o percurso da leitura. Dizer isso é afirmar também qual a posição que o candidato deve ter diante do que lê, ele pode e deve **desconfiar**, isto é, ele deve interrogar o texto sobre a sua verdadeira intenção, para que o humor seja percebido. A essa altura já podemos ver que o tipo de trabalho exigido - a leitura esperada - é aquele em que o leitor tem que se dar ao texto enquanto sujeito ativo para que a leitura revele de fato o que o texto dissimula.

Na sua volta para o texto, o candidato já tem em mãos duas pistas - a que lhe foi fornecida pelo tipo de texto e a dada pela própria pergunta. O que lhe falta então para poder formular a sua leitura é seguir as próximas pistas.

A primeira delas está na história contada por Calvin: ele diz que alienígenas parecidos com grandes batatas assadas pousaram em seu quintal, estão portando armas a laser e querem 10 dólares; diz ainda que, dada essa descrição é melhor ele e o pai fazerem o que os alienígenas querem.

Nessa história, o fato de os ETs exigirem 10 dólares causa uma estranheza fundamental, uma vez que é atribuído aos *aliens* um desejo que não lhes seria usual: é este ponto que leva o candidato a desconfiar, a procurar o sentido escondido por trás das palavras de Calvin. Mas se apesar de todas as pistas apontadas até agora ainda restassem dúvidas sobre a verdadeira intenção do garoto, o último quadrinho é a pista que dá a revelação cabal.

O cruzamento linguagem escrita/linguagem visual mostra um “embate”: se por um lado a figura (linguagem tão acessível quanto o português da pergunta) mostra o pai de Calvin lavando o carro (ocupação que não pode ser considerada como uma atividade tão importante a ponto de não poder ser interrompida...), por outro, a fala do garoto atribui ao pai uma “ocupação” que não existe de fato. Calvin predica-lhe o *so busy*, condição necessária para que **Calvin** fosse o portador da entrega, podendo assim ficar com o dinheiro. Poderíamos dizer que o garoto **inventa** um pai ocupadíssimo ao conferir-lhe uma situação que não existe na figura. Com este confronto entre a linguagem verbal e a visual fica nítido o caráter ficcional de toda a história. A revelação, no último quadrinho, da artimanha de Calvin recai fatalmente sobre a leitura inteira: se até então o garoto estava sendo mais ou menos levado a sério, agora parece não haver saída, o espírito da tirinha fica muito evidente e reclama por uma leitura que o revele.

Caro leitor, se você está pensando que o que fizemos até aqui não foi nada mais que a enunciação do óbvio, você está certo. E é justamente esta a questão: se o percurso que leva à percepção do humor é de tão fácil apreensão, o que fez com que a maioria das respostas não evidenciasse o riso?

Se o candidato tivesse seguido de alguma maneira o percurso que explicitamos, a sua resposta teria atingido a nota máxima, uma vez que seu pequeno texto corresponderia ao que chamamos de leitura esperada, pois mostraria ter captado a **essência** da tirinha: o caráter mentiroso da história de Calvin e os elementos básicos do enredo. Vejamos por exemplo:

1. “Calvin inventa uma história de alienígenas que pedem dez dólares e se oferece para levar o dinheiro até eles.”
2. “A maneira encontrada por Calvin foi a de contar ao pai que alienígenas teriam aterrissado no jardim de trás, pareciam com grandes batatas assadas e que seria melhor que eles atendessem ao pedido deles porque estes portavam armas laser. O pedido eram dez dólares e como o pai estava muito ocupado Calvin se prontificou a entregá-los aos alienígenas.”

Apesar de terem recebido a mesma nota, as duas respostas acima são claramente diferentes. O que as diferencia é que na primeira foram mostrados apenas os elementos considerados **essenciais**, enquanto na segunda, o candidato ateu-se a ampliar a caracterização da história, mostrando, além do essencial, o **excesso**.

Chamamos **essência** os elementos que causando estranheza constituem uma pista para que o candidato “desconfie” de Calvin, do texto e busque sua verdadeira intenção. O que chamamos **excesso** não deve ser desprezado ou menosprezado; são elementos fundamentais, na narrativa do garoto, para reforçar sua argumentação. No entanto, esses elementos não causam aquela estranheza e por isso não são essenciais, o que faz com que quando tomados como tais constituam “pistas falsas”, levando a uma mera tradução que não contempla o humor:

3. “Calvin disse a seu pai que alienígenas parecidos com grandes batatas assadas com armas laser pousaram em seu quintal e querem dez dólares. Como seu pai estava ocupado, ele se oferece para levar o dinheiro.”

Nesse resposta a língua inglesa não parece ter sido um problema e sabemos, pelo percurso que traçamos, que tendo um domínio básico do inglês era praticamente impossível a não apreensão do humor; mesmo assim não há nada em (3) que indique o que seria responsável pelo cômico, ou seja, o fato de Calvin ter inventado toda a historinha. Para que a “invenção” do garoto ficasse evidente era necessário que o candidato tornasse **explícito** o **implícito**, isto é, deixasse claro o que a brilhante argumentação de Calvin dissimulava. Não bastava dizer o que já estava dito na tirinha (ou seja, apenas traduzir, semelhante ao que ocorre em (3)) mas era preciso ir além do texto e perceber o que era possível de se vislumbrar por meio do que foi dito. Mais do que nunca se fazia necessário que o leitor se entregasse ao trabalho de construção de significado; ele teria que, além de utilizar-se de elementos presentes na historinha, ter a ousadia de usar sua própria linguagem, mesmo uma única palavra, para conferir ao texto a idéia da invenção.

Ao contrário do que se poderia esperar, o domínio da língua inglesa não proporcionou sempre uma melhor leitura; isto porque muitas vezes foi preferida a segurança da tradução à ousadia de lidar com palavras que não as presentes no texto. Já aqueles que pareciam ter mais dificuldade na decodificação do inglês eram levados a ousar mais em sua resposta. Assim, os empecilhos da língua muitas vezes não

impediram a leitura, mas impulsionaram a ousadia de criar sentidos para preencher as lacunas e estabelecer uma lógica narrativa interna que desse conta da leitura humorística:

4. “Calvin diz que alienígenas posaram e que eles querem dez dólares. O pai disse que vai dar o dinheiro a eles e Calvin, espertamente, alega que o pai está ocupado e se oferece para fazer o “favor” de entregar”

Nessa resposta, a maneira encontrada pelo candidato para resolver o *I'll bet they do* é atribuir-lhe o sentido de que o pai teria respondido que daria o dinheiro. Como tal informação comprometeria os planos de Calvin, o candidato dribla essa “tradução inadequada” dizendo que “Calvin, **espertamente**, alega que o pai está ocupado...”: vemos assim, que foi restabelecido o humor graça à manutenção de uma lógica narrativa interna que o sustentasse.

Mas nem sempre as traduções inadequadas foram “bem resolvidas” como no caso acima; em geral, elas comprometiam ou não a leitura dependendo se ocorriam no que chamamos de **essência** ou no que chamamos de **excesso**. Vejamos alguns trechos de respostas:

5. “... alienígenas disfarçados de batatas fritas e chicletes...”
6. “... disse que aliens estão chegando com lasers de tomates...”
7. “... ets com cara de batata estão na horta...”
8. “... alienistas que gostam de batatas pousaram na terra...”

Problemas de leitura como os vistos de (5) a (8) não eram suficientes para prejudicar a resposta do candidato, se nela estivesse presente aquilo que chamamos de **essência**; portanto, quando as leituras inadequadas estão no campo do **excesso**, o que vemos é o trabalho do candidato para preencher lacunas e, recriando de alguma maneira a história de Calvin, criar a **sua** leitura adequada.

Já as leituras inadequadas que ocorriam no campo da **essência** prejudicavam a resposta do candidato pois desviavam a sua leitura da lógica necessária para a compreensão do espírito da tirinha:

9. “... Calvin diz a seu pai que se ele estiver ocupado lavando o carro, ele mesmo pode levar o dinheiro aos ets.”
10. “... Calvin diz a seu pai que alienígenas estão invadindo o quintal e querem dez dólares. Calvin diz a seu pai para dar o dinheiro para ele que ele dará um jeito nos alienígenas.”

Em (9) o entendimento de *since* por *se* prejudica a resposta pois compromete a lógica interna da historinha. A ocupação do pai deve ser encarada como um **fato** e não como uma hipótese. Em (10) a inadequação também está na **essência**, pois ao se colocar para o pai como “herói” Calvin deixa explícito para o próprio pai aquilo que toda a sua historinha queria esconder, ou seja, que o dinheiro ficaria com ele; ao fazer isso é destruído o caráter inventivo e a história deixa de ser engraçada, para ser quase real. Vemos assim que problemas no campo da essência comprometiam a leitura por criar de alguma forma uma contradição na lógica interna do humor. Citando novamente o exemplo (4), podemos ver um caso em que apesar da inadequação ter sido no campo da essência, o candidato conseguiu de forma exemplar driblar esse desvio e resgatar o humor.

THE END

A prova de língua estrangeira do Vestibular Unicamp avalia a leitura. E, como vimos, para ler de fato é preciso mais que traduzir, é necessário ir além e relacionar-se com o texto, preenchendo-o, recriando. No caso da questão 17, o tipo de texto - a tirinha - determinava o tipo de leitura e exigia uma escrita que tornasse explícita essa leitura. Por isso, nas respostas valia não o que estava textualmente dito, mas o que estava sendo dito por meio de, através do dito; valia era dizer o não dito, ou melhor, o dito pelo não dito.

BIBLIOGRAFIA

BASTOS, L.K.X. et. alii. **Vestibular Unicamp. Inglês/Francês**. São Paulo: Globo, 1993.